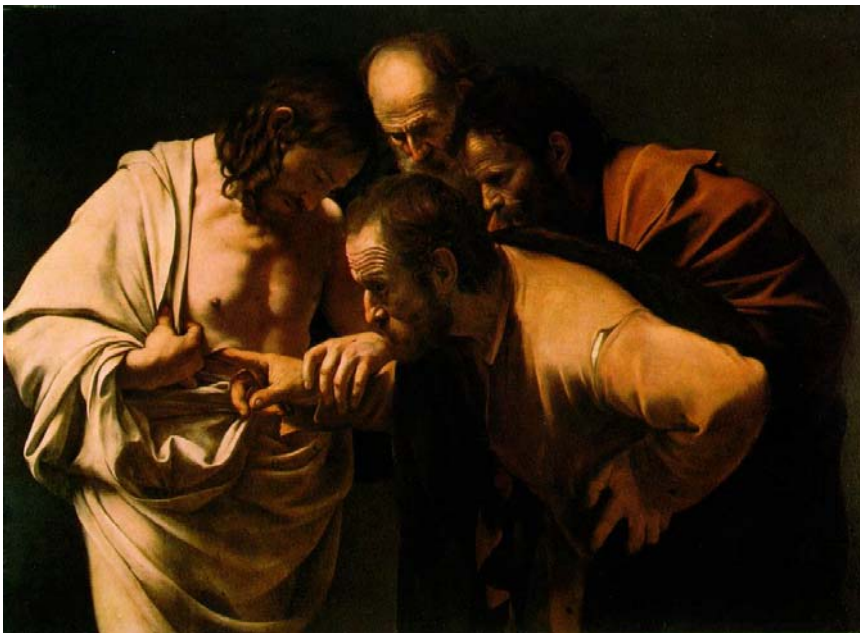


Tempos Antigos

Barroco e o Rococó

O Barroco

No Renascimento, Florença e Veneza dominaram o mundo das artes. Depois, Roma tornou-se o grande centro artístico. Em Roma, vindo de Milão, um mestre, Caravaggio, exercitava o realismo de uma forma até mesmo cruel. Suas obras eram impressionantes, como “Tomé, o Incrédulo”, onde São Tomé literalmente colocava o dedo dentro de uma chaga de Jesus. Caravaggio descrevia os fatos como eram, feios ou bonitos. O drama, divino ou humano, estava presente no novo estilo que se iniciava, depois chamado Barroco.



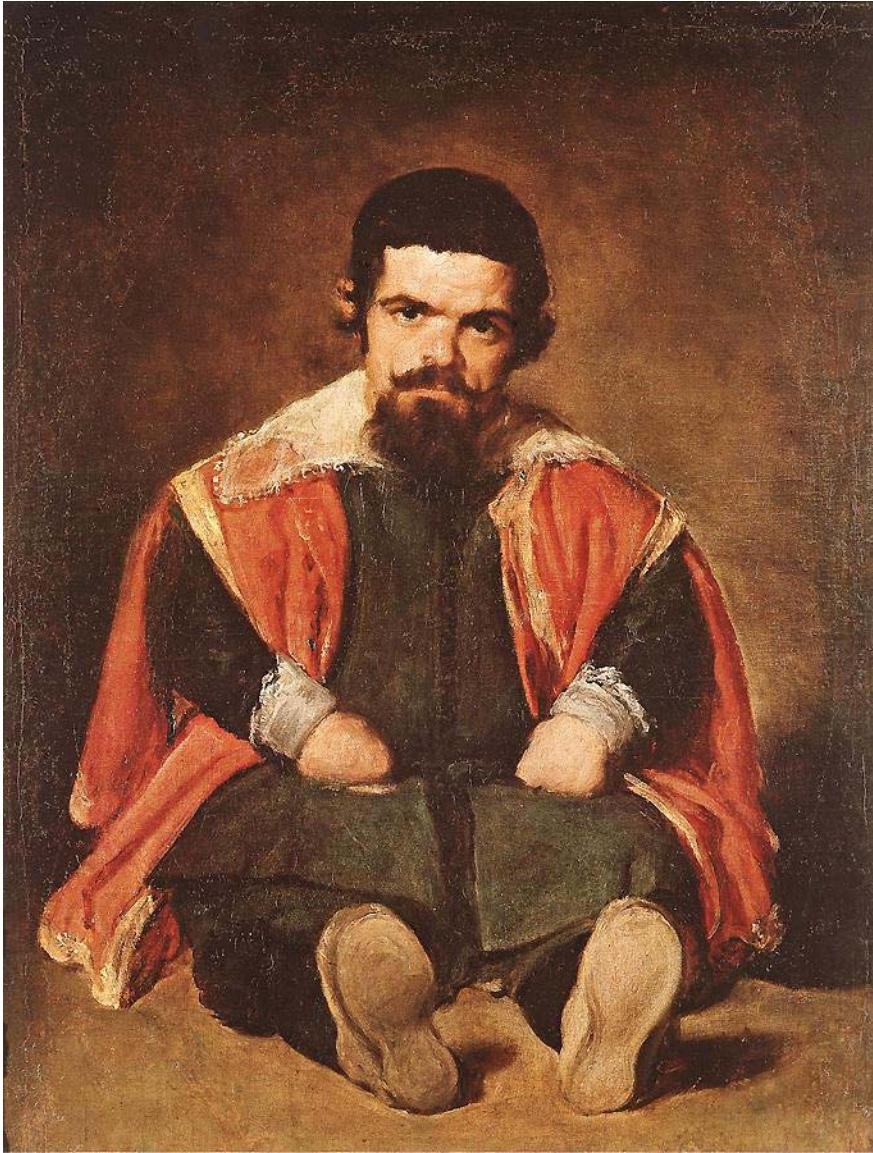
Caravaggio

Tomé , o Incrédulo

Segundo Leo Ballet, o Barroco foi uma expressão do absolutismo, que era a forma de poder predominante na Europa do final do século XVII e início

do século XVIII. Richard Allewyn descreve o estilo como “Uma civilização da impaciência, que não pode esperar e nem suportar o vazio”. Allewyn se refere ao vácuo que acontecia após a ascensão do Renascimento, como momento máximo da arte dos humanos. O estilo Barroco parece ser uma pequena marola nas então calmas águas do mundo artístico, quando todas as dúvidas pareciam estar resolvidas. O Barroco pode ser caracterizado como um Classicismo Pós-Renascentista, onde se manifestam a perfeição das formas, o uso da perspectiva e a perfeita interação de cores e sombras. Estas características são exatamente as contribuições do Renascimento. Talvez o que melhor defina o novo estilo, seja a aplicação destas técnicas à temas um pouco mais mundanos.

Um nome deve ser considerado acima de todos: Diego Velásquez, pintor espanhol, um grande entre os outros grandes como Rembrandt, Caravaggio, Rubens e Vermeer. Como vimos, o barroco não foi um período criativo na arte, porque o novo não é identificado e as bases desse período já haviam sido determinadas na Renascença. O que houve foi um aperfeiçoamento. Mas se não houve o novo, houve Velásquez, que atingiu a perfeição da interação da obra com a vida. Nascido em Sevilha, em 1599, Velásquez teve uma vida sem grandes sobressaltos, onde o sucesso e a compreensão de seu trabalho foram a regra, coisas raras na trajetória de um grande artista. Velásquez sempre esteve de bem com a vida, talvez por isso, os seus retratados, nobres ou figuras comuns e mesmos os anões que viviam na corte como “bobos”, tinham sempre dignidade visível. A pintura dos anões, revelando uma alteração da forma usual humana, foi uma manifestação do naturalismo barroco.



Diego Velázquez

O Anão Sebastião de Morra



Diego Velásquez

As meninas

Um dos mais intrigantes quadros da história da arte é “As Meninas”. Mostra a infanta Margarida, com suas damas de companhia e uma anã da corte, sendo pintada pelo próprio Velásquez, que também aparece na tela. Ao fundo, um espelho reflete os soberanos que observam a cena e para quem o olhar de Velásquez se dirige. O pintor olhando para os monarcas também olha para o observador do quadro, que vê a cena como se fizesse parte

dela. Em uma porta aberta no fundo, ponto mais luminoso do quadro, José Nieto, um membro da corte, contempla o momento. O jogo de ilusões que se faz mistura o quadro com a realidade de quem observa. A interação do universo real com o irreal nos interroga. Velásquez pinta quem, a infanta? Os reis que aparecem no espelho? Olha para nós que olhamos para ele? Ele soube manter uma janela para a vida. É como se nos olhasse de outra dimensão. Emoção em estado puro, Velásquez estará vivo eternamente, interagindo com cada um que olhe para o quadro.

Ter um destino igual ao de outros significa viver como um ser qualquer, é o que interessa à máquina do estado, para que o indivíduo se submeta ao poder. Velásquez viveu em um período, onde a liberdade de expressão estava comprometida pelo absolutismo e pela Inquisição e preferiu acomodar-se placidamente junto ao poder. Mesmo conformado, através de sua arte, pode mostrar a sua recusa em ser um indivíduo qualquer.

Se Velásquez retratava a corte, um outro pintor do período, Jan Vermeer pintava o cotidiano. Usa a luz de uma forma própria e característica. Uma cena que mostra a placidez de pessoas em um lar calmo, iluminadas com um fecho de luz que entra por uma janela lateral, certamente é de um quadro de Vermeer, que é considerado um “Cult” nos tempos de hoje.

O centro da arte, que no Renascimento, se encontrava na Itália, com o Barroco se expandiu para Espanha e para o Norte da Europa. Nos Países Baixos, Rembrandt e Rubens exercitavam o legado do Renascimento.

Rembrandt em sua série de retratos e auto-retratos contou sua história e a história do seu tempo. Rubens talvez seja quem melhor personifique o estilo barroco. Esteve em Roma onde conheceu Caravaggio, e quando voltou para o norte já trazia as características do novo estilo. Foi Rubens que influenciou Velásquez a ir para Roma, conhecer a “nova” arte.

O Barroco não foi um momento criador, mas os artistas deste período nada devem aos seus antecessores renascentistas, de quem assimilaram as lições com maestria.



Os famosos auto-retratos de Rembrandt mostram a evolução do processo de envelhecimento.

O Rococó

Apareceu na França, seguindo o Barroco, como uma variação, onde o rebuscamento e a decoração eram a regra. Antoine Watteau foi o precursor do estilo, que dominou a Europa por certo período. O termo não foi usado de forma lisonjeira, situação que também ocorreu posteriormente com o Impressionismo e com outros estilos. A crítica com deboche não é incomum na história da arte, mas freqüentemente se mostra injusta, desmoralizando mais aos críticos do que aos artistas. Tiepolo, Chardin, Fragonard, Boucher e Canaletto com seus trabalhos, eliminaram qualquer possível idéia de desvalorização da arte deste período. Embora o criativo, ainda não estivesse fortemente presente, a evolução e a mudança continuavam a existir fazendo uma ponte para o futuro. Na França, na “Jovem a Ler” de Jean Honoré Fragonard já se observa uma técnica, de pinceladas mais grossas com um diferente uso da cor, que seguramente influenciaria os Impressionistas no século seguinte. O Rococó na Itália foi desenvolvido em Veneza, onde Giambattista Tiepolo criou imensos afrescos. Também em Veneza, Antonio Canale, o Canaletto, foi um grande paisagista, que soube detectar o encanto da mágica cidade dos canais. A perfeição da obra de Canaletto influenciou os períodos seguintes, o Neoclassicismo do francês Louis David e o Romantismo de John Constable.

Continuaremos nossa viagem por este mundo, contado, recontado, modificado e imaginado pelos sonhadores, que estiveram e continuarão sempre a estar, na frente de uma tela, com pincéis e químicas coloridas, sob o poderoso intento de instigar e maravilhar seus semelhantes.



Watteau

A Embarcação para Cítera



Canaletto

Praça São Marcos



Fragonard

A leitora



Tiepolo

La raccolta della manna